

UMA ABORDAGEM COMPARATIVA DA IRONIA

Conceito, tropo e performance

Wilma Patricia Marzari Dinardo Maas*
UNESP, Araraquara, SP

RESUMO

No presente artigo identificamos uma compreensão da ironia que é comum ao primeiro-romântico alemão Friedrich Schlegel e ao crítico Paul de Man. Nessa linhagem, a ironia é entendida antes como tropo e performance do que como conceito, o que tem consequências para a própria legibilidade do discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Ironia, Paul de Man, Friedrich Schlegel

Que tipo de relação com o mundo é estabelecida pela ironia? Que tipo de discurso é a própria ironia? É possível definir a ironia em conceito? Quais as consequências do discurso irônico para o processo de compreensão? O pensamento do filólogo, filósofo e crítico Friedrich Schlegel, o articulador teórico do Primeiro Romantismo Alemão (*Frühromantik*), é um marco extremamente produtivo para o pensamento sobre o fenômeno da ironia. No século XX, Paul de Man será o responsável pela apropriação e divulgação (por vezes, indireta) do pensamento de Schlegel sobre a ironia, como também do seu próprio estilo “irônico”. A obra de Schlegel, principalmente do Schlegel dos anos de Jena e da revista *Athenäum*, oferece ainda hoje elementos catalisadores para o pensamento sobre linguagem e representação, os quais, na perspectiva de De Man, associam-se ao pensamento pós-estruturalista. Assim, sob o crivo da história da literatura e da literatura comparada, o fenômeno da ironia emerge como elemento significativo na instauração do pensamento contemporâneo sobre a linguagem.

É prudente estabelecer o pressuposto de que ao se tratar da ironia schlegeliana, a referência imediata é o ensaio *Über die Unverständlichkeit* [Da ininteligibilidade] de 1800. O *ÜdU*, como se passa a nomear o texto, é aqui entendido não como um discurso sobre a ironia, mas sim como manifestação do fenômeno, para utilizar uma oposição apontada por Kierkegaard, e não do conceito. Publicado no terceiro e último número da revista *Athenäum*, interrompida devido aos baixos lucros decorrentes de sua alegada “ininteligibilidade”, o ensaio aponta assim para uma espécie de defesa de F. Schlegel, ou de autoexplicação, frente às queixas quanto a serem seus textos incompreensíveis,

* pmaas@uol.com.br

não apenas por parte do público ou de prováveis desafetos literários, mas também de alguns companheiros de projeto artístico, como Novalis, Schleiermacher e mesmo do irmão August Wilhelm.

Um dos principais entraves à compreensibilidade do próprio *ÜdU* é certamente sua arraigada “resistência á análise”. Finlay¹ apresenta um dos raros estudos sobre o texto de Schlegel que chegam a apontar o uso da ironia como “como desconstrução comunicativa do paradigma semiótico”.²

O texto de Schlegel é certamente refratário aos pressupostos de uma análise de caráter semiótico, análise esta que repousa sobre um *a priori* lógico, ou, como diz Finlay, sobre a “tradução semiótica da lógica aristotélica”. O quadro semiótico greimasiano recorta-se por sobre a estrutura profunda da linguagem, estrutura essa em que o sentido é hierarquizado e polarizado em dois eixos, o eixo dos contrários (morte-vida) e o eixo dos contraditórios (não morte / não vida).

O texto de Schlegel não permite uma interrupção da ironia de modo que o tropo possa ser segmentado em níveis menores, ou seja, hierarquizado. Isso quer dizer que a ironia de *ÜdU* é refratária, tanto à abordagem saussuriana, que extrai o sentido por meio da hierarquização dos elementos linguísticos a partir das unidades menores (do nível fonológico até o nível lexical), como à abordagem hermenêutica, naquilo em que ela compartilha com o posterior pensamento estruturalista (a hierarquização em níveis de significado, que, na hermenêutica de Schleiermacher, desconsidera o nível fonológico, operando exclusivamente sobre o lexical e mesmo o estilístico). De toda forma, o texto de Schlegel escapa a uma descrição que pressuponha categorias universais subjacentes, localizadas na “estrutura profunda” de qualquer construto textual. Ao mesmo tempo, há uma recusa consciente de qualquer tipo de sistematização ou definição do objeto em questão. Mesmo quando o texto de Schlegel parece aproximar-se de uma dicção discursiva e conceitual, esse mesmo registro pode ser desmontado, destruído ou desacreditado pela ironia primordial, sempre à espreita.

Para Schlegel, a ironia

contém e incita o sentimento da irreconciliável oposição entre o incondicionado e o condicionado, a impossibilidade e a necessidade de uma comunicação perfeita e completa. Ela é a mais livre de todas as licenças, pois através dela nos lançamos para além de nós mesmos, mas ao mesmo tempo é a licença mais afim às leis, pois é incondicionalmente necessária. É um sinal muito bom que os tolos não saibam como receber essa autoparódia permanente, que acreditem e desacreditem nela repetidamente, até a vertigem, tomando a brincadeira pelo sério e o sério por brincadeira.³

¹ FINLAY. *The romantic irony of semiotics: F. Schlegel and the crisis of representation*.

² FINLAY. *The romantic irony of semiotics: F. Schlegel and the crisis of representation*, p. 183.

³ “Sie enthält und erregt ein Gefühl von dem unauflöselichen Widerstreit des Unbedingten und des Bedingten, der Unmöglichkeit und Notwendigkeit einer vollständigen Mitteilung. Sie ist die freieste aller Lizenzen, denn durch sie setzt man sich über sich selbst weg; und doch auch die gesetzlichste, denn sie ist unbedingt notwendig. Es ist ein sehr gutes Zeichen, wenn die harmonisch Platten gar nicht wissen, wie sie diese stete Selbstparodie zu nehmen haben, den Scherz gerade für Ernst und den Ernst für Scherz halten.” (SCHLEGEL. *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, v. II, p. 368. (Todas as traduções deste artigo são da autora deste texto.)

No Brasil, a fortuna crítica dos estudos sobre a ironia tem na obra de Beth Brait (2008), *Ironia em perspectiva polifônica*, um importante divisor de águas. Ali, Brait expõe uma abordagem da ironia de caráter linguístico-retórico, que prepara, por sua vez, a passagem a uma perspectiva subjetivante e ideologicamente determinada, ou seja, a perspectiva da análise do discurso. Acompanhemos a autora:

De que modo é possível saltar de uma concepção retórica da ironia, formulada em termos de frase, para uma outra que dela se distancia na medida em que se propõe a enfrentar o mesmo fenômeno em dimensões completamente diferentes.⁴

A nós interessa especificamente a debreagem anunciada por Brait, isto é, a ampliação metodológica dos estudos da ironia a partir de um ponto de vista e exclusivamente frasal em direção a um ponto de vista que considere a dimensão textual e a instância subjetiva, assim como as condições de emissão e recepção dos enunciados. Em última instância, do ponto de vista do sistema linguístico, a compreensão do mecanismo da ironia romântica desloca-se do eixo semiótico para a dimensão pragmática. Sob esse ponto de vista, a compreensão da ironia meramente como tropo (se entendermos sob o termo um desvio ligado à circulação das qualidades ou predicativos semânticos entre dois objetivos diferentes, ou seja, se entendermos tropo predominantemente como metáfora), deixamos de contemplar a dimensão mais drástica da ironia schlegeliana, que entenderemos aqui como eminentemente performativa, como ato de fala.

Na tradição exclusivamente filosófica, por sua vez, a abordagem do problema da ironia em Schlegel (sempre associada a questões hermenêuticas) passa pela espetacular rejeição de Hegel à “subjetividade negativa e sem substância” praticada pelo mais jovem dos irmãos Schlegel até a total apropriação, como se defende aqui, pelo pensamento pós-estruturalista (Paul de Man), tendo com ponto médio a rejeição “moderada” de Kierkegaard.

Tanto do ponto de vista exclusivamente semiótico quanto do ponto de vista filosófico, a pergunta que se impõe é sobre o caráter da relação entre o discurso da ironia romântica e a “representação do mundo”. O termo “representação” aqui é tanto mais inadequado quando se reconhece que a ironia como em Schlegel e Tieck (não por acaso, os românticos mais criticados por Hegel) manifesta-se justamente como interrupção e fragmentação dessa relação, por meio de uma subjetividade que se duplica como subjetividade do discurso e simultaneamente como autoridade objetiva da representação.

A ironia romântica leva às últimas consequências essa aporia, deslocando a questão da intelecção do texto do eixo da adequação e da coincidência entre significado e significante para o reconhecimento da disjunção entre o ato do sujeito que fala e põe a si mesmo e o sujeito do enunciado.

A presente abordagem à ironia schlegeliana leva em consideração a dimensão processual e performática da ironia romântica, ao mesmo tempo que acompanha outras abordagens que lhe são afins, como a do próprio De Man.

⁴ BRAIT. *Ironia em perspectiva polifônica*, p. 96.

O “CONCEITO” DE IRONIA: DE MAN E SCHLEGEL

Dando desenvolvimento à hipótese que busca legitimar filologicamente as afinidades entre Paul de Man e Schlegel, ou, mais ainda, entender a obra de De Man como uma continuidade do pensamento schlegeliano, passamos ao comentário de um texto fundamental de De Man veiculado pela primeira vez como palestra proferida na Universidade de Ohio, em 1977. Trata-se de “The concept of irony”, texto no qual De Man utiliza os mesmos expedientes textuais que Schlegel utiliza em *Über die Unverständlichkeit*. A linha mestra da argumentação de De Man é a versão teórica e “sistemizada” daquilo que, em Schlegel, é pura performance. De Man, assim como Schlegel, está certo de que a ironia não pode ser identificada como um conceito, apenas como fenômeno ou tropo. Para marcar posição, De Man alude a Kierkegaard, outro nome para quem essa distinção é bastante clara, antes de chegar ao próprio Schlegel, ponto final dessa linha ascendente.

De Man começa por fornecer ao leitor marcadores da própria ironia, como ao se referir ao título da própria palestra:

O título desta conferência é “O conceito de ironia”, título esse tomado de empréstimo a Kierkegaard, que foi quem escreveu o melhor livro sobre ironia de que se tem notícia, chamado “O conceito de ironia”. Trata-se de um título irônico, uma vez que a ironia não é um conceito – e isso é parte da tese que pretendo desenvolver aqui.⁵

Como que para marcar a tradição na qual se insere esse tipo de argumentação performativa, do discurso sobre a ironia que é ele mesmo irônico, De Man alude imediatamente ao patrono da ironia, Friedrich Schlegel, “o autor principal sobre quem terei de falar”. Já a primeira menção a Schlegel prepara terreno tanto para aqueles que já conhecem a obra de Schlegel quanto para os que não a conhecem. Pois se os primeiros, alertados pela alusão patronal, passam a cultivar a expectativa daquela “ironia primordial”, daquela “ironia selvagem que não se pode mais controlar”,⁶ os últimos são alertados pela modalização da expressão “[o autor] sobre quem terei de falar”. Ou seja, Schlegel é anunciado, logo às primeiras linhas de De Man, como um empreendimento difícil e mesmo desagradável à audiência, do qual, entretanto, não se poderá abrir mão.

De Man retoma declaradamente um problema que está tanto à superfície quanto nos pressupostos da linguagem do *ÜdU*: qual é a natureza da ironia? A ironia é conceito, tropo, fenômeno ou ato de fala? O ensaio de Schlegel é ele todo um libelo performativo em prol da desconceitualização da ironia e de sua experimentação em tempo real. Ou seja, em Schlegel, assoma à superfície do texto, em toda sua “violência”, a força da ironia, sem que tenha sido necessário uma única vez defini-la conceitualmente ou proceder a sua historização. De Man, por sua vez, guiado pelo antecessor, mas ciente de que quer

⁵ “The title of this lecture is ‘The concept of irony’, which is a title taken from Kierkegaard, who wrote the best book on irony that’s available, called the Concept of Irony. It’s an ironic title, because irony is not a concept – and that is partly the thesis which I’m going to develop.” (DE MAN. *The concept of irony*, p. 163.)

⁶ SCHLEGEL. *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, v. II, p. 370.

e deve ser entendido, evita em seu próprio texto a irremediável ininteligibilidade que resulta da indecisão, em Schlegel, quanto à presença ou ausência da intenção irônica; no entanto, reconstrói indiretamente o ensaio de Schlegel, por meio de estações análogas, que podem servir mesmo de comentário ao texto “incompreensível” de Schlegel.

De modo a justificar sua afirmação sobre a dificuldade, ou melhor, sobre a impossibilidade de se estabelecer conceitualmente a ironia, De Man utiliza um expediente que repõe em negativo um procedimento de Schlegel também na parte inicial de seu ensaio:

O esteta alemão Friedrich Solger, que notadamente escreveu sobre ironia, queixa-se, a um determinado momento, de que August Wilhelm Schlegel – o Schlegel sobre quem falaremos menos, pois Friedrich é o que nos interessa – embora tenha escrito sobre ironia, não conseguiu de fato defini-la, não foi capaz de dizer o que ela é. *Pouco mais tarde, quando Hegel, que tem muito a dizer sobre ironia, fala sobre ela, queixa-se por sua vez de Solger, que escreve muito sobre ironia, diz Hegel, mas parece não saber sobre o que está escrevendo. E ainda um pouco mais tarde, quando Kierkegaard escreve sobre ironia, refere-se a Hegel, de cuja influência ele está tentando escapar naquele mesmo momento, queixando-se ironicamente do fato de que Hegel não tem muito a dizer sobre isso, e que quando Hegel diz algo sobre isso, (...), é sempre sobre a mesma coisa, e que isso não significa muito.*⁷

De Man parece estar aludindo aqui a uma passagem de *ÜdU*, na qual Schlegel faz uma espécie de paródia tanto da ideia da busca pelo Absoluto na filosofia quanto das relações entre os filósofos que com ela se ocuparam:

Há ainda outra coisa no fragmento que poderia ser equivocadamente interpretada. Está na palavra *tendências*, e aí começa já a ironia. O termo poderia ser entendido como se eu considerasse a *Doutrina das ciências*, por exemplo, apenas como uma tendência, como uma tentativa provisória (...), *tentativa essa a qual eu estaria mais bem equipado para levar a cabo; ou então (...), que eu quisesse apoiar-me sobre os ombros de Fichte, assim como esse subira aos ombros de Reinhold, Reinhold sobre os de Kant, este sobre os ombros de Leibniz, e assim por diante até o infinito em direção ao ombro original.*⁸

⁷ “The German aesthetician Friedrich Solger, who writes perceptively about irony, complains at length that August Wilhelm Schlegel –who is the Schlegel we will be talking about the least (Friedrich is the one we want) – although he had written on irony, he says, really cannot define it, cannot say what it is. *A little later, when Hegel, who has a lot to say about irony, talks about irony, he complains about Solger, who writes about irony, he says, but who doesn’t seem to know what he is writing about. And then a little later, when Kierkegaard writes on irony, he refers to Hegel, whose influence he is at the moment trying to get out of, and he more ironically complains about the fact that Hegel doesn’t have much to say about it, and what he says about it whenever he talks about it is just about always the same, and it isn’t very much.*” (DE MAN. *The concept of irony*, p. 162.) (grifos nossos)

⁸ “Etwas anders freilich ist noch in dem Fragment, welches allerdings mißverstanden werden konnte. Es liegt in dem Wort *Tendenzen*, und da fängt schon die Ironie an. Es kann dieses nehmlich so verstanden werden, als hielte ich die Wissenschaftslehre zum Beispiel nur für eine Tendenz, für einen vorläufigen Versuch (...) den ich selbst etwa besser auszuführen und endlich zu beendigen gesonnen sein (...) oder als wollte ich (...) mich auf Fichtes Schultern stellen, wie dieser auf Reinholds Schultern, Reinhold auf Kants Schultern, dieser auf Leibnizens Schultern steht, und so ins Unendliche fort bis zur ursprünglichen Schulter.” (SCHLEGEL. *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, v. II, p. 366-367.) (grifos nossos)

Também a máxima da ironia primitiva ou primordial (*Urironie*), aquela designada “a ironia das ironias”, capaz de engolir todas as outras, as grandes e as pequenas ironias, encontra seu paralelo em De Man, para quem a ironia é “o tropo dos tropos”.⁹ Vejamos o trecho de Schlegel:

De modo a facilitar a visada do sistema completo da ironia, apresentemos alguns dos tipos preferidos. (...) Por fim, a ironia da ironia. (...) O que entendemos aqui por ironia da ironia provém de mais de um caminho. *Quando se fala sem ironia da própria ironia, como foi o caso agora mesmo; quando se fala com ironia de uma ironia, sem que se perceba que nos encontramos naquele momento mesmo em uma outra ironia, muito mais evidente; quando não se consegue mais sair da ironia, como parece ser o caso deste ensaio sobre a ininteligibilidade; quando a ironia se torna maneirismo(...); quando a ironia se torna selvagem e não se deixa mais controlar de modo algum.*

*Que deuses poderiam nos salvar de todas essas ironias? A única saída seria descobrir-se uma ironia que tivesse a capacidade de engolir e devorar todas as outras, as grandes e as pequenas ironias, de forma que nada mais restasse delas para ver.*¹⁰

No texto de De Man:

A ironia parece ser o tropo dos tropos, aquele que dá nome ao termo como “volteio ou desvio”, *mas o termo suporta tantas acepções que acabaria por incluir todos os tropos.* Dizer que a ironia contém em si todos os tropos, ou que é o tropo dos tropos, é sem dúvida dizer alguma coisa, *mas nada que seja equivalente a uma definição (...)* A linguagem da definição vê-se em dificuldade quando se trata da ironia (...). *A ironia tem também, claramente, uma função performativa.*¹¹

Quase como que em um espelhamento, o texto de De Man refere-se ao texto de Schlegel, sem o nomear diretamente. Tanto no texto de 1800 quanto no de 1977, a ironia é entendida como “o tropo dos tropos”, a figura predominante e capaz de “engolir” todas as outras, instaurando assim a própria impossibilidade de redução ao discurso conceitual. Ambos os autores anunciam o que se pode entender como uma vontade conceitual, à

⁹ DE MAN. The concept of irony, p. 165.

¹⁰ “Um die Übersicht vom ganzen System der Ironie zu erleichtern, wollen wir einige der vorzüglichsten Arten anführen. (...) Endlich die Ironie der Ironie. (...) Was wir aber hier zunächst unter Ironie der Ironie verstanden wissen wollen, das entsteht auf mehr als einem Wege. Wenn man ohne Ironie von der Ironie redet, wie es soeben der Fall war; wenn man mit Ironie von einer Ironie redet, ohne zu merken, daß man sich zu eben der Zeit in einer andren viel auffallenderen Ironie befindet; wenn man nicht wieder aus der Ironie herauskommen kann, wie es in diesem Versuch über die Unverständlichkeit zu sein scheint; wenn die Ironie Manier wird (...); wenn die Ironie wild wird, und sich gar nicht mehr regieren läßt.

Welche Götter werden uns von allen diesen Ironien erretten können? das einzige wäre, wenn sich eine Ironie fände, welche die Eigenschaft hätte, alle jene großen und kleinen Ironien zu verschlucken und zu verschlingen, daß nichts mehr davon zu sehen wäre (...).” (SCHLEGEL. *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, v. II, p. 369. (grifos nossos)

¹¹ “Irony seems to be the *trope of the tropes*, the one that names the term as the ‘turning away’, *but that notion is so all-encompassing that would include all tropes.* And to say that irony includes all tropes, or is the trope of the tropes, is to say something, *but it is not anything that is equivalent to a definition.* (...) Definition language seems to be in trouble when irony is concerned. (...) *Irony also very clearly has a performative function.*” (DE MAN. The concept of irony, p. 165. (grifos nossos)

qual se contrapõe imediatamente a emissão da ironia como ato de fala, o discurso mesmo como um “tropo performático” que não deixa espaço para qualquer determinação ou conceituação. Se a ironia da ironia torna impossível a distinção entre o sério e o irônico, apropriando-se e devorando todas as outras, também o mote do “tropo dos tropos” age no sentido de impedir a distinção entre eles, ou seja, uma tipologia dos tropos.

Seguindo a linha que vem de *ÜdU*, passando por Kierkegaard e chegando a De Man, é possível isolar alguns pressupostos do pensamento moderno sobre a ironia, a partir do Primeiro Romantismo Alemão:

- uma definição de ironia é tanto mais impossível quanto seu emprego é controlado pela “intencionalidade” do autor;
- uma definição de ironia é tanto mais impossível, uma vez que essa definição oscila entre o conceito e o tropo (De Man), o conceito e o fenômeno (Kierkegaard) e conceito e ato de fala (Schlegel);
- o texto de Schlegel *ÜdU* é efetivamente o *corpus* principal, do qual “O conceito de Ironia” de De Man constitui o comentário.

O próprio De Man, consciente disso, vai buscar as fontes em que a atitude schlegeliana frente à ironia está mais evidente. De Man está correto ao ressaltar, no estudo de Wayne Booth sobre a ironia (*A rhetoric of irony*, 1974), a nota de rodapé na qual Booth, distinguindo entre a “ironia estável” e a ironia não estável, alude à ironia “que leva ao infinito”.¹² Também Booth alude, ainda que indiretamente, ao texto de Schlegel:

O espírito da ironia, se é que tal coisa existe, não é capaz de dar resposta a tais questões: em seu limite, *um temperamento irônico pode dissolver qualquer coisa em uma infinita cadeia de solventes*. Não é a ironia, mas o desejo de entender a ironia que interrompe essa cadeia. É por isso que necessitamos de uma retórica da ironia *se não quisermos cair na armadilha de uma infinita cadeia regressiva de negações*, como muitos de nossa era alegam ter caído.¹³

Também Booth encontra na ironia, certamente aludindo a Schlegel, o “temperamento que pode diluir tudo em uma cadeia infinita de solventes”, assim como Schlegel atribui à ironia primordial a capacidade de “engolir todas as outras, as grandes e as pequenas ironias”. Booth, a partir de uma perspectiva ainda positiva, atribui a uma futura “retórica da ironia” a capacidade de fazer parar, de estabilizar a “infinita cadeia regressiva de negações”, aludindo assim à armadilha performatizada no *ÜdU*.

Retomando indiretamente mais uma estação do texto schlegeliano, De Man reconhece o caráter ameaçador da ironia frente à inteligibilidade, à possibilidade de compreensão do signo. É possível, também aqui, fazer a leitura paralela de De Man e Schlegel:

¹² DE MAN. The concept of irony, p. 166.

¹³ “The spirit of irony, if there is such a thing, cannot in itself answer such questions: pursued to the end, *an ironic temper can dissolve everything, in an infinite chain of solvents*. It is not irony, but the desire to understand irony that brings such a chain to stop. And that is why a rhetoric of irony is required *if we are not to be caught, as many men of our time have claimed to be caught, in an infinite regress of negations*.” (Booth, 1974, p. 59, citado por DE MAN. The concept of irony, p. 166.) (grifos nossos)

(...) O projeto de Wayne Booth de compreender a ironia está condenado desde o início, pois, se estamos falando da ironia da compreensão, nenhuma compreensão da ironia será jamais capaz de controlar e interromper a ironia, e, se de fato o que está em jogo na ironia é a possibilidade de compreensão, a possibilidade de leitura, a legibilidade dos textos, a possibilidade de decidir por *um* significado ou por uma multiplicidade deles ou ainda por uma polissemia controlada, *então é possível dizer que a ironia é algo de fato muito perigoso. Haveria algo de muito ameaçador na ironia, algo frente ao qual os intérpretes e críticos de literatura, para os quais o que está em jogo é justamente a compreensibilidade da literatura, teriam de se defender.*¹⁴

Segue o texto de Schlegel:

Com a ironia não se brinca. Ela pode fazer ecoar seus efeitos por um tempo inacreditavelmente longo. Tenho comigo a suspeita de que alguns grandes artistas de tempos passados estejam ainda a jogar os jogos da ironia, séculos depois de sua morte, com os seus mais crédulos admiradores e seguidores.¹⁵

A relação entre os dois trechos é, mais uma vez, bastante clara: tanto Schlegel quanto De Man estão apontando (de maneira saborosamente irônica...) para os efeitos deletérios da ironia sobre a própria tradição literária, e para a longa série de equívocos que a falta do órgão para a ironia pode provocar. “Perigosa” e “ameaçadora”, a ironia, incontrolável, põe em risco a própria “legibilidade” dos textos, sua possibilidade de serem compreendidos, ou seja, as possibilidades do ato hermenêutico como tal, assim como de uma história da literatura baseada na interpretação das obras.

O trecho mais provocativo do ensaio de De Man é, provavelmente, aquele em que introduz uma curta biografia de Schlegel, caracterizado como “uma figura enigmática”, dono de uma “obra nada impressionante”, “bastante fragmentária, não-convicente, desprovida de obras efetivamente terminadas, apenas livros de aforismos e fragmentos inacabados – uma obra *inteiramente fragmentária (a fragmentary work entirely)*”.¹⁶ Poucas linhas adiante, depois de ter introduzido essa personagem controversa e aludido ao efeito que Schlegel, como mau filósofo, teria provocado em ninguém menos do que Hegel, De Man empreende o resgate do primeiro para a Germanística, de maneira espetacular, afirmando que sua constituição como disciplina acadêmica teve como simples

¹⁴ “If indeed irony is tied with the impossibility of understanding, then Wayne Booth’s project of understanding irony is doomed from the start because, if irony is of understanding, no understanding of irony will ever be able to control irony and to stop it, as he proposes to do, and if this is indeed the case that what is at stake in irony is the possibility of understanding, the possibility of reading, the readability of texts, the possibility of deciding on a meaning or on a multiple set of meanings or on a controlled polysemy of meanings, *then we can see that irony would indeed be very dangerous. There would be in irony something very threatening, against which interpreters of literature, who have a stake in the understandability of literature, would want to put themselves on their guard (...)*.” (DE MAN. The concept of irony, p. 167.) (grifos nossos)

¹⁵ “Mit der Ironie ist durchhaus nicht zu scherzen. Sie kann unglaublich lange nachwirken. Einige der absichtlichsten Künstler der vorigen Zeit habe ich in Verdacht, daß sie noch Jahrhunderten nach ihrem Tode mit ihren gläubigsten Verehrern und Anhängern Ironie treiben.” (SCHLEGEL. *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, v. II, p. 370.) (grifos nossos)

¹⁶ DE MAN. The concept of irony, p. 167. (grifos nossos)

e único motivo a necessidade de “driblar” ou “despistar” a ameaça representada por Schlegel e sua obra à dignidade acadêmica da literatura alemã.¹⁷

Em direção contrária, um mesmo esforço teria sido empreendido pelos “defensores de Schlegel” no sentido de afirmar que “ele não é realmente frívolo, mas sim um escritor sério”. Segundo De Man, esse é o caso de “críticos que não se alinham à tradição acadêmica, críticos como Lukács, Walter Benjamin, e, mais recentemente, Peter Szondi”.¹⁸

A exposição de De Man prossegue então tendo por fio condutor o argumento de que a Germanística (ou a história da literatura) teve que constituir algumas estratégias para poder domar (*defuse*) ou desarmar a ironia schlegeliana. A primeira delas é a redução da ironia a uma prática estética, ou a um instrumento artístico,¹⁹ de forma que ela seja absorvida por uma teoria geral da estética. A segunda estratégia apontada por De Man para tratar da ironia é “reduzindo-a a uma dialética do self como estrutura reflexiva”.²⁰ A terceira estratégia é a inserção de “momentos ou estruturas irônicas em uma dialética da história”.²¹

Dentre as estratégias identificadas, a segunda delas é certamente a que melhor se presta a uma leitura produtiva do *ÜdU* associada ao acompanhamento da performance irônica do próprio de Man. Recorrendo ao fragmento 37 da revista *Lyceum*, editada por Schlegel, De Man ressalta o emprego das expressões *Selbstbeschränkung* (autolimitação), *Selbstschöpfung* (autocriação) e *Selbstvernichtung* (autodestruição), associadas, no fragmento, a uma espécie de temperança artística, de equilíbrio entre o estado da livre expressão e a necessidade de autocontenção. De Man, por sua vez, recupera a dimensão filosófica da passagem, lembrando o campo semântico da dialética do Eu fichteano, lembrando que Schlegel tomou os termos emprestados ao primeiro.

Ao recorrer a Fichte, De Man toca na questão fundamental, que a nosso ver é de fato a questão que perpassa o ensaio da ininteligibilidade: a autorreflexão. De maneira resumida, pode-se acompanhar a dedução de De Man, que aproxima a ironia schlegeliana ao Eu como categoria linguística, em Fichte. O Eu é posto originariamente por um ato de linguagem. A linguagem como categoria lógica, ao mesmo tempo que põe o Eu, põe também o seu oposto, o Não eu. No entanto, não se trata de tese e antítese, diz De Man, pois essa negação

não é uma negação antitética, como seria em Hegel. (...) Sobre o Eu que é posto e negado ao mesmo tempo, nada pode ser dito. Trata-se de um ato puramente vazio, nenhum ato de julgamento pode ser realizado sobre ele, nenhum tipo de juízo pode ser proferido.²²

Seguindo ainda o raciocínio de Fichte, De Man, em um terceiro passo, chega à dedução das “características”, ou *Merkmale*, que, em Fichte, resultam do mesmo ato de

¹⁷ Cf. DE MAN. The concept of irony, p. 168.

¹⁸ DE MAN. The concept of irony, p. 168.

¹⁹ Cf. Ingrid Strohschneider-Kohrs, citado por DE MAN. The concept of irony, p. 169.

²⁰ DE MAN. The concept of irony, p. 169.

²¹ DE MAN. The concept of irony, p. 170.

²² DE MAN. The concept of irony, p. 173.

oposição. No ato que põe o Eu e ao mesmo tempo o seu contraditório, as partes opostas entram em contato, ao menos em parte, entre si, e por meio de um ato de autolimitação ou autodefinição (*Selbstbeschränkung, Selbstbestimmung*), tornam-se características (*Merkmale*) do Eu. A partir daí, diz De Man, é possível começar a fazer julgamentos. De Man prossegue então extraindo consequências semânticas lógicas a partir dessa possibilidade de proferir julgamentos.

Agora essa estrutura (*e talvez isso não seja convincente, não sei, mas vou anunciá-lo como uma proposição*), essa estrutura particular que está sendo descrita – o isolamento e a circulação de características, a maneira pela qual essas características podem ser intercambiadas pelas as entidades quando comparadas uma a outra em um ato de julgamento – é a estrutura da metáfora, a estrutura dos tropos.²³

Conclui-se, assim, que do ato linguístico posicional do Eu, que põe a si mesmo e ao mesmo tempo o seu contraditório, De Man deduz aquela que será a linha diretriz de toda a sua obra crítica, condensada em títulos como “alegoria da leitura” ou “retórica da temporalidade”. De Man entenderá todo discurso, histórico ou crítico, como um sistema regido pela lógica do tropo, da linguagem figural, da alegoria e da ironia como expressão da não coincidência entre sujeito objeto, da não identidade, enfim.

Por fim, De Man introduz o terceiro estágio de sua leitura de Fichte, que introduzirá, ao lado do sistema de tropos, o julgamento reflexivo. Trata-se do julgamento tético, “um tipo de julgamento no qual a entidade não é comparada a outra coisa, mas sim é referida a si mesma (...)”.²⁴

Conclui-se, portanto, que De Man vem descrevendo o “sistema” da ironia (schlegeliana) a partir de um ato posicional e performativo, o ato de *setzen, pôr*, em direção a um sistema de tropos:

Antes de tudo há um ato performativo, um ato posicional, a catacrese original, que leva a um sistema de tropos: ocorre assim um tipo de anamorfose dos tropos, na qual todos os sistemas tropológicos são engendrados como resultado do ato posicional original.²⁵

O texto de De Man opera, ainda que não evidencie essa operação, uma justificativa filosófica da atitude schlegeliana frente à ironia, ao remeter a Fichte e ao ato de linguagem que põe o eu. Em que pese o mérito ou o demérito da apropriação que De Man faz de Fichte (da qual nem mesmo ele está certo, como se pode depreender da expressão algo leviana “e talvez isso não seja convincente, não sei, mas vou anunciá-lo como uma

²³ “Now this structure (*and this may not be convincing, I don't know, but I'll just announce it as a statement*), this particular structure which is being described – the isolation and circulation of properties, the way in which properties can be exchanged between entities when they are being compared with each other in an act of judgment – is the structure of metaphor, the structure of tropes.” (DE MAN. The concept of irony, p. 174.) (grifos nossos)

²⁴ “the entity now doesn't compare itself to something else but in which the entity relates to itself.” (DE MAN. The concept of irony, p. 174.)

²⁵ “There is at first a performative, the act of positing, the original catachresis, which then moves to a system of tropes: a kind of anamorphosis of tropes takes place, in which all the tropological systems are engendered as a result of this original act of positing.” (DE MAN. The concept of irony, p. 176.)

proposição”), para nós aqui é importante dizer que a leitura que De Man faz de Fichte poderia ser autorizada mesmo pelo próprio Schlegel, caso este se dispusesse a explicar seu pensamento lógico-semântico. Muitas vezes, (e essa é uma de nossas hipóteses mais ricas em consequências) a “impressão” de ininteligibilidade em Schlegel provém diretamente da recorrência ao tropo e à dicção performativa. Mais do que isso, afirmamos que o ensaio sobre a ininteligibilidade é o ponto mais alto desse procedimento, que já vinha sendo anunciado em diferentes fragmentos que podem ser chamados aqui de, no mínimo, não conceituais. Recorrendo a Fichte, De Man pratica ele mesmo um ato hermenêutico sobre a ironia schlegeliana.

A mesma hipótese da ironia como tropo foi legitimada por outros importantes pesquisadores da obra de Schlegel, como Manfred Frank. Ainda que por uma via manifestadamente oposta, em que defende terminantemente a separação entre o pensamento primeiro-romântico e o assim chamado Idealismo Alemão,²⁶ Manfred Frank²⁷ reconhece no caráter *simbólico* da arte e do pensamento figural a possibilidade de alusão ao “inalcançável princípio de unidade” (*uneinholbar Einheitsgrund*), em oposição à convicção “idealista” da consciência como um fenômeno autossuficiente:

Eu proponho, de modo contrário à opinião vigente, que se distinga de modo preciso entre o Primeiro Romantismo e o Idealismo. Por idealista eu entendo aquela convicção de que a consciência seja um fenômeno autossuficiente, que logra fazer-se inteligível a partir dos pressupostos fornecidos por seus próprios meios. Por outro lado, o Primeiro Romantismo Alemão está convencido de que o Ser-a-si-mesmo deve-se a um princípio transcendente, que *não* se deixa diluir na imanência da consciência. Dessa forma, o fundamento do Ser-a-si-mesmo torna-se um enigma inexplicável. Um tal enigma não pode mais ser abordado (apenas) pela reflexão. Por conta disso, a filosofia deve se completar por meio da arte e como arte. Pois na arte nos é dado um construto cuja plenitude de sentidos não pode ser esgotada por pensamento conceitual algum. Por isso, a inesgotável riqueza de pensamento com a qual a experiência do Belo artístico nos confronta torna-se *símbolo* daquele inalcançável princípio de unidade (...).²⁸

Chegamos aqui a um passo fundamental para a compreensão da ironia schlegeliana e das consequências provocadas por ela, no plano filosófico e hermenêutico. Partindo da

²⁶ Cf. FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst, p. 124-125.

²⁷ FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst.

²⁸ “Ich schlage im Gegenzug zur *communis opinio* vor, zwischen dem Idealismus und der Frühromantik scharf zu unterscheiden. Als idealistisch bezeichne ich die (...) Überzeugung, Bewußtsein sei ein selbstgenügsames Phänomen, das auch noch die Voraussetzungen seines Bestandes aus eigenen Mitteln sich verständlich zu machen vermöge. Dagegen ist die Frühromantik überzeugt, daß Selbstsein einem transzendenten Grunde sich verdankt, der sich *nicht* in die Immanenz des Bewußtseins auflösen lasse. So wird der Grund von Selsbstsein zu einem unausdeutbaren Rätsel. Dies Rätsel kann nicht mehr (allein) von der Reflexion bearbeitet werden. Darum vollendet sich die Philosophie in der und als Kunst. Denn in der Kunst ist uns ein Gebilde gegeben, dessen Sinnfülle von keinen möglichen Gedanken erschöpft wird. Darum kann der unausschöpfbare Gedankenreichtum, mit dem uns die Erfahrung des Kunstschönen konfrontiert, zum *Symbol* werden jenes in Reflexion uneinholbaren Einheitsgrundes (...), (Cf. FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst, p. 125.)

hoje clássica afirmação de Schlegel sobre a impossibilidade do conhecimento do Absoluto (“Conhecer significa já um conhecimento condicionado. O não conhecimento do Absoluto é portanto um pleonasmo trivial”²⁹), Frank reconstrói a trajetória do pensamento de Schlegel sobre a possibilidade de apreensão da unidade e do Absoluto partindo da oposição frente ao idealismo de Fichte e Schelling, para chegar à conclusão de que os tropos da alegoria, do gracejo (*Witz*) e da ironia têm a função de aludir à impossibilidade de apreensão direta desse Absoluto. Nos termos de Frank,³⁰ se não atingimos o Absoluto e o mais elevado por meio da intuição direta, temos que nos contentar com as evidências indiretas da existência de uma unidade que se move ao longo da cadeia. A contínua alternância entre unidade e multiplicidade, entre finitude e infinitude atua como comprovação indireta de uma cadeia que se aproxima do Absoluto. Os elos dessa cadeia “não são deduzidos de um princípio previamente fixado, antes elas tornam a existência desse princípio cada vez mais provável”.³¹ Aqui, fica evidente a relação com a linha assíntota anteriormente utilizada por De Man (“Pode-se então entender a liberdade do homem como um movimento contínuo em direção a um ponto infinito, a um tipo de linha assíntota da qual ele se aproxima cada vez mais.”)³²

Figura alusiva ao Absoluto, a alegoria é “a tendência ao Absoluto naquilo que é finito”.³³ A alegoria é alusão ao que não pode ser nem conceitualmente nem sensivelmente representado. É um “dizer mais”, que alude e acena, mas nunca designa diretamente.

A ironia, por sua vez, o terceiro tropo listado por Frank, percorre duas direções contrárias. Ela é

ridicularização do finito, pois este é desacreditado por meio da existência de um outro finito, ao mesmo tempo em que é humilhado pela ideia de Absoluto; mas a ironia é também, por outro lado, a ridicularização do Absoluto, pois, como diz Novalis, o absolutamente uno em si mesmo não existe. (...) O conceito de Absoluto é um conceito vazio, uma ilusão da força de imaginação, uma ficção necessária.³⁴

Frank entende a alegoria, a ironia, o fragmento e o *Witz* em Schlegel como tropos que aludem, no plano filosófico, à impossibilidade conceitual e sensível de apreensão do Absoluto/da unidade/da origem; em termos hermenêuticos, essa impossibilidade traduz-se naquela que provavelmente é a distinção mais significativa entre o pensamento

²⁹ “Erkennen bezeichnet schon ein bedingtes Wissen. Die Nicht-Erkennbarkeit des Absoluten ist also eine identische Trivialität.” (DE MAN. The concept of irony, p. 175.)

³⁰ Cf. FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst.

³¹ Cf. FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst, p. 129.

³² “Man’s freedom can thus be stated as an infinite point toward which he is under way, as a kind of asymptote toward which he comes closer and closer.” (DE MAN. The concept of irony, p. 175.)

³³ FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst, p. 129.

³⁴ FRANK. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst, p. 139.

de Schlegel e o da hermenêutica moderna como em Schleiermacher. Para o primeiro, a linguagem figural, o tropo, é parte inalienável do discurso, ela é mesmo a única a possibilidade de expressão; para o segundo, o tropo é sempre identificado a um fator de incompreensibilidade, que deve ser esclarecido e afastado em prol da verdade.

Nossa proposta de leitura do ensaio sobre ironia em De Man feita em paralelo ao texto schlegeliano sobre a ininteligibilidade faz ressaltar, portanto, as afinidades entre ambos os autores, o de 1800 e o de 1977, no que diz respeito ao aspecto necessariamente performativo e figural da ironia. Contrariando Szcrepansky,³⁵ segundo o qual De Man teria permanecido alheio ao aspecto pragmático performativo, entendemos “The concept of irony” como um libelo “performativo e desconstrutor”, para usar os termos de Szcrepansky, bem como uma alusão inegável (para os “entendidos”) a *Über die Unverständlichkeit*, ou seja, De Man fala com ironia de um texto sobre ironia, fazendo uso, como se não fora suficiente, de uma intertextualidade quase escandalosa, aludindo, portanto, ao “contexto” e à “comunicação” entre duas instâncias que partilham da mesma compreensão sobre as impossibilidades do processo de interpretação do discurso alheio. A par disso, ambos, Schlegel e De Man, concedem predominância ao aspecto figural, ao tropo, enfim, à arte, como a única possibilidade discursiva capaz de expressar o desejo pelo incondicionado.



ABSTRACT

We pursue in this paper an understanding of irony which is shared by both the German author Friedrich Schlegel and the critic Paul de Man. Irony is rather understood as a trope and as a performative act than as a concept, which has indeed consequences to the very legibility of texts.

KEYWORDS

Irony, Paul de Man, Friedrich Schlegel

³⁵ SZCREPANSKI. *Subjektivität und Ästhetik*.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008. 296 p.
- DE MAN, Paul. The concept of irony. In: _____. *Aesthetic ideology*. 4. ed, Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2006. p. 163-184.
- FINLAY, Marike. *The romantic irony of semiotics: F. Schlegel and the crisis of representation*. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1988.
- FRANK, M. Allegorie, Witz, Fragment, Ironie. Friedrich Schlegel und die Idee des zerrissenen Selbst. In: REIJEN, Willem van. *Allegorie und Melancholie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.
- SZCREPANSKI, Jens. *Subjektivität und Ästhetik*. Bielefeld: Transkript, 2006.
- SCHLEGEL, F. *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*. München/Paderborn/Wien, Ferdinand Schöningh, 1967. v. II.